

Meu casaco de general:
quinhentos dias no front da segurança
pública do Rio de Janeiro

Luiz Eduardo Soares

Companhia das Letras, São Paulo, 2000, 475 pp.



por Eduardo Paez Machado

QUINHENTOS DIAS
NO FRONT DA
SEGURANÇA PÚBLICA
DO RIO DE JANEIRO



O autor do livro, Luiz Eduardo Soares, é antropólogo e cientista político, professor universitário e atual Secretário Nacional de Segurança Pública (2003), do Ministério da Justiça, em Brasília, tendo ocupado, entre 1999 e 2000, os cargos de Subsecretário de Segurança Pública e Coordenador de Segurança, Justiça, Defesa Civil e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro.

O livro é um relato da experiência, pouco comum pelos padrões brasileiros e internacionais, de um cientista social, como membro da equipe dirigente, durante quinze meses, da Secretaria de Segurança Pública, a qual estão legalmente subordinadas as polícias estaduais – Militar e Civil.

O gênero memória, o estilo polêmico e o tom febril do trabalho, se prestam a uma exposição caleidoscópica, desvendadora mas um tanto fragmentada, da (in)segurança do Rio de Janeiro: a criminalidade, comum e policial, a organização das polícias, as posturas

governamentais face ao crime, os projetos inovadores e as resistências à reforma do policiamento.

Buscando atuar no fio da navalha do seu cargo, o autor não desperdiçou tempo, aproveitando todas as oportunidades para criar fatos por meio da elaboração e divulgação de propostas renovadoras das polícias. Na falta de apoio político, entretanto, as resistências político-institucionais à estes projetos, por meio de críticas mal intencionadas, tentativas de desestabilização e ameaças, culminaram na demissão e auto-exílio de Soares nos Estados Unidos.

Em meio a críticas repetidas, que poderiam ser resumidas a bem do leitor, aos posicionamentos do governador e chefes da segurança pública, muitos dos quais vinculados ao aparato de repressão política do período ditatorial, o autor desenvolve análises valiosas da crise do sistema de justiça penal.

Já na Introdução, o autor explicita, de for-

ma emblemática, o nó górdio a ser desatado por qualquer política de segurança pública minimamente séria no país: a promiscuidade entre o crime e o aparelho policial e os efeitos deletérios disso para a sociedade, sobretudo, para os trabalhadores pobres e moradores de favelas, expostos àquela dupla tirania.

Numa cidade dominada, desde a segunda metade dos anos 80, pela aliança entre os tráficos de drogas e de armas, Soares salienta as 20.000 mortes, principalmente de crianças e adolescentes, provocadas por aqueles, ao longo da década de 90. Afora disseminar valores belicistas, destruir estruturas familiares, enfraquecer relações comunitárias, estimular a criminalização da pobreza, atuar como fonte de muitas outras atividades criminosas, os mercados ilegais de drogas e armas penetraram, tal como se vê em outros países latino-americanos e asiáticos, em toda a sociedade e no Estado, induzindo muitos policiais, juntamente com empresários e políticos, à corrupção.

Complementando este terrível diagnóstico, o autor fala, na linha dos livros *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e, mais recentemente, *Abusado*, de Caco Barcellos, da subjetividade dos jovens pobres e negros-mestiços que ingressam no tráfico armado de drogas para adquirirem, por meio das armas e do medo que infundem, uma visibilidade social que lhes é negada pela sociedade e pelo Estado.

Face a expansão da criminalidade violenta, Soares defende uma “terceira via” para a segurança pública, diferente tanto da truculência seletiva dos governos de direita que, visando resultados imediatos, se aliam aos setores corruptos da polícia, como distinta do denunciamento da esquerda, que adia o enfrentamento dos problemas para o longo prazo das mudanças estruturais.

Acreditando na compatibilidade, existente em muitos países, entre eficiência policial e respeito pelos direitos humanos, o autor de-

nuncia as políticas governamentais caracterizadas pela brutalidade policial, cinismo, hipocrisia e absoluto desprezo pelas comunidades pobres, e justifica o confronto aberto com a corrupção policial para promover mudanças.

O grande desafio para qualquer política reformadora era e continua sendo o controle das Polícias Civil e Militar, as quais, numa aparente posição de subordinação às secretarias de segurança pública, que se presta ao uso político do policiamento, têm carta branca para buscar finalidades próprias, privadas e criminosas.

As duas polícias possuem atribuições diferenciadas que, na maior parte das polícias modernas, estão reunidas numa mesma organização, o policiamento ostensivo-preventivo e o investigativo. As conseqüências dessa fragmentação do ciclo do trabalho policial, irracionalidade esquizofrênica ou dualismo policial, vão além da tradicional rivalidade entre departamentos de polícia, aprofundando a competição por recursos escassos, bloqueando os esforços conjuntos e conspirando contra a eficácia do policiamento.

Observada de perto, a organização da Polícia Civil, com suas delegacias fisicamente degradadas, insalubres e hostis, apresenta-se como um arquipélago de feudos, submetidos a barões zelosos pela manutenção do corporativismo e da lucrativa rede de corrupção e, portanto, contrários aos dispositivos, internos e externos, de prestação de contas.

Diante deste quadro, a proposta de criação de novas delegacias de polícia, as chamadas delegacias legais, que padronizam procedimentos, acabam com a carceragem de presos, humanizam o atendimento ao público e trabalham em parceria com outros órgãos do sistema penal decretaria, segundo o autor, o fim de uma era de corrupção ilimitada, métodos violentos de investigação e rotinas sem racionalidade e eficiência organizacionais.

Quanto à Polícia Militar, menos discutida no livro do que a Polícia Civil, o autor aponta seu corporativismo, arcaísmo, corrupção, abusos de autoridade, brutalidade e envolvimento com esquadrões da morte, mas não analisa a relação destes aspectos com o militarismo. É o militarismo da PM brasileira, refletido na subordinação às Forças Armadas, na organização interna e na relação com a sociedade que, combinado com a interiorização da ideologia da guerra contra o crime, contribui para torná-la campeã nas graves violações de direitos humanos, tais como execuções sumárias, nas Américas, de acordo com estudos de Chevigny, Huggins e outros autores. Em outros termos, sem a desmilitarização desta força policial é impossível implementar qualquer reforma que mereça este nome.

A barbárie policial, retrato de um estado não hegemônico, que não reconhece os direitos de cidadania das classes sociais subalternas, passa pela premiação de bravura, conhecida como premiação Far-West, concedida, durante um algum tempo, pelo governo do Rio de Janeiro, a policiais que matavam suspeitos.

Na base de ambas organizações, o policial mal remunerado, desrespeitado nos seus di-

reitos, amedrontado pelo crime e estigmatizado pela população se vê tentado a explodir contra civis de baixo status social, fazendo dupla jornada de trabalho nas empresas de segurança privada e pactuando com o crime. Na psicologia deste policial, a corrupção se torna a saída para uma clandestinidade sem aura, sem heroísmo e sem esperança.

Com respeito aos mecanismos de prestação de contas (accountability), algo recente na tradição político-institucional e administrativa brasileira, Soares confirma avaliações sobre a inoperância, caráter inercial, burocrático e corporativo dos mesmos, mas não faz propostas concretas para reativá-los.

Enfim, num campo muito carente de estudos, o livro de Luiz Eduardo Soares aproxima o público da antipatizada polícia, evidenciando o perigo de seguirmos ignorando o papel crucial dessa instituição na consolidação da democracia e convidando aos leitores a conhecer os sonhos, ambições e percalços de mais uma tentativa de reforma policial brasileira.

Este livro é de aquisição obrigatória pelas bibliotecas e investigadores dedicados ao campo de estudos da polícia e do policiamento na América Latina.

References

- Barcellos, C.** *Abusado: O dono do morro Dona Marta*, Record, Rio de Janeiro, 2003.
- Chevigny, P.** *The edge of the knife: Police violence in the Americas*, New York Press, New York, 1995.
- Huggins, M. K.** *Urban violence and police privatization in Brazil: blended invisibility*. *Social Justice*, (27), 2, 2000, pp. 113-134.
- Lins, P.** *Cidade de Deus*, Companhia das Letras, Sao Paulo, 1997.